ANNO V — SABBADO, 30 DE ABRIL DE 1921 — NUM. 115

A PLEBE

O Estado tem uma longa historia toda de assassinato e de sangue. Todos os crimes praticados no mundo, os morticinios, as guerras, as faltas á fé jurada, as fogueiras, as torturas, tudo foi justificado pelo interesse do Estado, pela razão de Estado. O Estado tem uma longa historia. Toda ella é de sangue.

CLEMENCEAU

Toda a correspondencia e valores ao administrador RODOLPHO FELIPE

Endereço: Séde: Rua Barão de Paranapiacaba n. 4 (sobrado) — Caixa Postal, 195 — S. Paulo

Assignaturas: Anno . . 10$000 — Semestre 5$000 — Numero Avulso 100 réis — PACOTES: Cada 12 exemplares. 1$000

A QUEDA DOS TIRANOS

Quasi toda a Europa official, num convencionalismo diplomatico de relações "amistosas" de Estados para Estados, de monarchias para republicas e de presidentes para reis, carpiu sentidamente, em orações de hypocritismo liturgico de tyrannia governamental burgueza, o desfecho "ex-abrupto" da preciosa vida de Dato. O attentado que prostrou o velho presidente do conselho do paiz iberico apavorou o mundo burguez, vermelho e preto, que, solidarizado com a reaccionaria Hespanha que fuzilou Ferrer, para que o dogma fradesco á vontade seja ministrado a um povo opprimido, deplora o crime, condemna os seus autores e apressa-se a enviar condolencias através os gabinetes dos seus embaixadores em Madrid.

Eu tambem me conpunjo pela perda duma vida provocada por uma tragedia ingente; eu igualmente sinto enroscada na minha alma a serpe da tristeza, a pical-a pertinazmente, por vêr que num lar se abre repentinamente um vacuo e é atirada para a negridão dos crepes uma familia que, momentos antes, estava feliz, envolta em vestimentas côr de rosa e fitas claras voejando ao vento. Lamento a esposa que fica sem o marido, choro os filhos que privados ficam do pai!

E' duro que as brutalidades do progresso, no dizer de Hugo, se chamem revoluções e que, ellas maltratem a Humanidade para se reconhecer que algo se caminha na estrada dum melhor porvir. Dolorosos partos que dão á luz do Futuro as liberdades politicas, economicas e sociaes! Como ellas gotejam sangue, como ellas são acompanhados de dores e seguidos de derramamento de lagrimas!

Ou são os machados cronwellianos a deceparem a cabeça de Carlos de Inglaterra, ou é a guilhotina, applaudida por Marat e Robespierre, a deixar cahir a sua fria lamina cortante por de sobre os regios pescoços de Luiz XVI e Maria Antonieta, depois de serem ululantemente apupados pela multidão dos "sans-culottes" e pelas esfarrapadas mulheres de Versailles! Ou é o czar ou o grande duque que esvoaçam, estilhaçados pelos ares, devido á explosão fulminante duma potente caixa metallica, ou são a pistola e a carabina de Costa e Buiça a alvejarem o obeso corpo de Carlos I e a joven compleição dum principe herdeiro, que apenas fôra rei por uns instantes!

Eu lamento, eu deploro, eu entristeço-me por vêr que se tem de espadanar num mar de lagrimas e que somos forçados a nadar entre ondas vermelhas de sangue, para se alcançar o promontorio desejado da Justiça e da Igualdade!

Foi sempre assim, terá ainda de ser assim por muito tempo! Infelizmente!

Devemos, pois, chorar a morte brusca de Dato?

Do homem, sim, do tyranno, não. Como homem, teria commiseração delle, como tyranno, desculpo a inexorabilidade do gesto que o feriu. Sejamos razoaveis e francos: eu tenho dó pela familia do extincto presidente do conselho hespanhol, que inopinadamente viu desapparecer na escura penumbra da morte — que o recebeu precipitadamente, pois com ella não contava tão cedo — o seu querido, amado chefe. Mas, paraphraseando o pensamento do convencional descripto pelo autor dos "Miseraveis", eu devo declarar que chorarei, com "todos", sobre as familias dos reis, dos presidentes ou dos governos, com a condição, porém, de que "todos" tambem devem chorar sobre as familias dos simples, dos opprimidos, dos tyrannizados — dos operarios "dragonados", acutilados, roubados, explorados, encarcerados e assassinados, ou pelas balas duma força publica estupidarrada, ou pela fome imposta por uma degradante miseria sahida dum systema economico desequilibrado e anachronico. E se acceitam o pranto, cumpre começal-o antes da execução dos dominantes, indo aos antecedentes que apontou o vortice dos consequentes. E se a balança se deve inclinar, que seja para o lado das familias proletarias, porque ellas já soffrem ha muito as agruras e o luto dictados por uma sociedade infame.

Dato, aquelle mesmo que prohibira o Congresso operario da Paz, realizado clandestinamente em Ferrol, e puzera na fronteira os delegados portuguezes, era um poderoso, uma figura marcante, abaixo do rei. Detinha o poder, a vara do supremo mando. Estava á frente duma porção de milhões de homens, sobrepondo-se a elles, que lhe tinham de obedecer. Com muita tropa e todos os apparelhos telegraphicos e telephonicos ao seu dispor, com muitos secretarios e sub-secretarios e muitos agentes de informação para o elucidarem atravez o paiz que timonava superiormente.

Do fundo das baiúcas de Barcelona, do desgraçado meio operario, partiam gritos afflictivos, convulsivos, de muitas victimas, de muitas familias enlutadas, cujos gritos poderiam alterar o silencio das campinas, dos valles e dos barrancos, ou perturbar o socego das gentes sentimentalistas, mas jamais fariam vibrar os tympanos do presidente governamental, despertando-lhe, no menos, umas tenues amostras de fugidia consternação.

Perseguiram-se e assassinaram-se operarios, covardemente, friamente, premeditadamente, como ainda hoje succede, como ainda hoje continua em impetos de implacavel rancor. Porquê? Porque ha quem commeta a veleidade, o desplante, a heroicidade, numa indomavel energia de idealismo libertario, de propugnar por uma sociedade melhor, — mais livre, mais harmonica, mais intelligente, mais racional, igualitaria. Porque, para a consecução deste fim ideologico e sociologico, se unia e se unifica, em agrupamentos syndicaes e agrupamentos libertarios, para contrapôr ás forças reactivas da realeza e do ultramontanismo fradesco e burguez, as forças dos trabalhadores explorados, escarnecidos e miseraveis, numa ancia de conquista de mais liberdades economicas, politicas e sociaes. A' reacção burgueza hespanhola, que tem o seu pedestal no trafico, na oppressão, na miseria, na desigualdade, emfim, como as suas congeneres de outros paizes, não convem os assomos atrevidos duma ralé que deseja frementemente o nivelamento social, com iguaes direitos e reciprocos deveres, com as mesmas vantagens de conforto, de regalias e de felicidades, tendo a obrigação de ir para a officina, como todos, mas tambem ninguem lhe negando a frequencia das escolas, dos centros de arte e dos meios de divertimento: — depois do pão alimentar, o pão do espirito. E como quer que a organização se tornava potente, inclinando-se para a frente, para a vanguarda das grandes pelejas sociaes, o commercialismo, o industrialismo, o militarismo, o fradismo, o parasitismo, emfim, deliberaram unanimemente assassinar os operarios mais intelligentes e mais activos, prendendo-os primeiro para, depois, em "levas da morte", e sob o pretexto de simuladas fugas, lhes arrancar a vida nas ruas desertas de Barcelona. Porque de noite é que se commeteram, e commetem, os sinistros fuzilamentos dos operarios!

Dato, que tinha conhecimento destas cafreaes scenas, sorria-se, e applaudia o negregado governador Anido: em vez de applacar a tempestade, abrandando os impetos dos verdugos sanguinarios, açulou-a ainda mais, com o seu consentimento, com a sua approvação, com o seu incitamento até.

Que admira, pois, que da [illegible] desencadeada, do ventre das nuvens de desespero, prenhes de odio, de imprecações e de reivindictas formuladas, se [illegible] um raio e fosse ferir em cheio um "impio" mortal, que se não compadecia do luto de tantas familias, de tantos filhos orphanados — cahindo todo o seu poderio, toda a sua grandeza, todo o seu despotismo partindo-se, em caccos, toda uma ideologia ephemera, fugaz e inutil?

Ah! é triste, sim, tanta lama, tanto sangue, tantas lagrimas, tantas dores, tantos ais, tantos flancos esquartejados e tantas lutas homericas intentadas para o mundo, de impulso em impulso, de solavanco em solavanco, de salto em salto, ter de correr para a Perfectibilidade!

Sim, eu choro [illegible] a desgraça moral — porque a material não a sentem — das familias dos tyrannos, com a condição de que todos devem chorar tambem sobre a infelicidade, muito maior e muito mais antiga, das familias proletarias — concertando-nos todos para reformar pacificamente, a velha e megera sociedade em ruinas.

Estão dispostos a isso?

Não estão? Então, meus senhores, não se queixem: ainda mais uma vez com Hugo: "Sim, as brutalidades do progresso chamam-se revoluções; quando ellas acabam, reconhece-se que o genero humano foi mal tratado; porém, caminhou para diante."

Ora as revoluções, como as guerras, têm as suas sentinellas isoladas, a brindarem-se com tiros...

CLEMENTE VIEIRA dos Santos

O 1.o de Maio

Está prestes a chegar o dia 1.o de maio, data em que, nas nossas commemorações, protestamos contra o assassinio de cinco esforçados e valentes companheiros que pereceram lutando pelo bem-estar e liberdade.

Foi no dia 1.o de maio de 1886, que irrompeu em Chicago um gigantesco movimento pela conquista das 8 horas de trabalho. No momento em que se realizava um comicio numa das praças de Chicago, houve a explosão de um petardo, fazendo varias victimas. A policia, que fôra a autôra do attentado, incontinenti se poz em acção, prendendo dezenas e dezenas de operarios, inclusivé aquelles por ella escolhidos para serem condemnados á forca. Depois de consummada a hedionda execução desses homens, aconteceu, porém, que os tribunaes realizando a revisão do monstruoso processo, reconheceram a innocencia de todos, mandando pôr em liberdade os sobreviventes, victimas que ainda se achavam atiradas aos fundos dos calabouços.

A bomba que fizera varias victimas, tinha sido lançada por um soldado a mandado de seus superiores.

Identicos attentados tem havido em outras partes, sem se excluir o Estado de S. Paulo. Os que se deram em Santos, quando foi da greve dos trabalhadores da Companhia Docas são uma prova do que dizemos. A policia commette esses actos para, á sombra delles, poder prender, espancar e deportar inermes trabalhadores que exigem algumas melhorias economicas para si e para todos os opprimidos.

Mas de nada lhe valem esses manejos, porque nós não estamos mais no tempo em que os homens se submettiam a todos os tyrannos sem protestar nem agir. Neste momento o proletariado se agita e luta pelo bem-estar e liberdade.

E para prova do que affirmamos, vemos o que se passa na Europa, onde o povo se defende com galhardia e altivez na luta contra todos os obstaculos impostos pelas forças mercenarias alugadas ao serviço da burguezia.

Os heroicos martyres de Chicago foram ao patibulo pela liberdade e bem-estar de todas as victimas da exploração capitalista. A burguezia norte-americana, matando-os, julgou ter posto por terra os ideaes de liberdade e de justiça que elles propagavam; mas se enganaram, porque as perseguições e execuções não fazem senão abreviar o advento da revolução que deverá em breve transformar a face da terra eliminando todos os tyrannos, todos os despotas. Os nomes desses bravos propagadores das ideias libertarias, ainda perduram na mente de todos, como um instigamento para a luta pelo ideal de paz, de justiça e de liberdade.

Preparemo-nos, pois, para commemorarmos dignamente o dia 1.o de maio, realizando comicios de protesto contra a exploração burgueza e capitalista.

HERME-GILDO

A nossa correspondencia

Toda a correspondencia d' *A Plebe* deve ser endereçada para a Caixa Postal 195, pois a que for dirigida para a séde da administração não será mais collocada na caixa, em virtude de uma ordem da administração dos Correios, podendo isso occasionar extravios.

Da França imperialista

O militarismo, eis o inimigo!

Para justificar aos olhos das multidões a necessidade de continuar a guerra, os governantes da Entente marcaram, como fim ás hostilidades, o esmagamento do militarismo allemão. Foi esta a perspectiva que hypnotizou muitas mentalidades socialistas.

Subentende-se, comtudo, e certos ministros, especialmente Vandervelde, o proclamaram, que devendo ser esta a ultima das guerras, a desapparição do militarismo allemão, teria por consequencia logica a desapparição de todos os militarismos.

Com effeito, o militarismo, tendo as mesmas causas e conduzindo aos mesmos resultados em todas as latitudes, traz o perigo em si e não no epitheto que o acompanha. Não se concebe, para os povos, um bom militarismo um militarismo util, benefico. Em todas as nações o militarismo tem por consequencias fataes: o encasernamento da juventude, a paralysia do trabalho productivo, o enfraquecimento da vida intelectual, encargos financeiros esmagadores, excitação de odios internacionaes, e guerras, com o seu cortejo de ruinas.

Portanto, para serem logicos com elles proprios, agora que o militarismo allemão está esmagado, os governantes de todos os paizes devem empenhar os seus esforços para a desapparição dos militarismos respectivos. E' isto fazer anti-militarismo? Sim, se se tomar o termo no «bom sentido» que é conveniente dar-lhe.

E, sobre este termo «antimilitarismo» expliquemo-nos, uma vez por todas, no proprio interesse do Socialismo. Numerosos são ainda os pobres de espirito persuadidos de que o anti-militarismo comporta um sentimento aggressivo em relação aos individuos. Para elles, ser anti-militarista é alimentar um odio acentuado contra os militares.

Eis um ponto de vista bem mesquinho que nada tem de commum com a nossa doutrina. O nosso anti-militarismo visa o espirito duma instituição que julgamos caduca, mas nada tem de aggressivo contra os individuos que ainda a representam. Não são os homens que nós combatemos mas sim a mentalidade em nome da qual essa casta de homens continúa existindo. Pode ser-se anti-militarista mesmo sendo-se militar; todos nós conhecemos officiaes que, livres dos preconceitos da sua casta, são sinceramente anti-militaristas.

Em realidade, o anti-militarismo tem por objectivo chegar, por successivas reducções do tempo de caserna, á supressão dos exercitos. Para as mais rudimentares intelligencias é evidente, com effeito, que o melhor meio de tornar impossivel qualquer nova guerra, é conseguir a supressão parallela mas total dos exercitos. Quando já não houver soldados os povos não poderão bater-se.

Mercê da derrota, a Allemanha teve a grande felicidade de ficar desembaraçada do fardo do seu militarismo. O seu exercito está reduzido a cem mil homens — e sabemos que ainda mais reduzido poderia ser. A sua marinha militar não existe. E' o ideal, para ella!

E a França que espera para imital-a? O projecto de lei que nos annuncia dezoito mezes de serviço activo é uma irrisão macabra. Longe de fortificar a França — como os eleitos do Bloco Nacional ingenuamente suppõem — só a diminuirá.

Emquanto a mocidade allemã poderá consagrar-se a tarefas productivas, a nossa ficará immobilizada na deprimente ociosidade das casernas. Os nossos profissionaes do patriotismo fazem assim o jogo da Allemanha, fazendo-o em detrimento do nosso renascimento economico, industrial e intellectual. Defraudam a Nação; depois, para abafar os seus protestos, dizem-lhe: «Accita o que fazemos. E' no teu interesse. E' para a tua gloria; ficarás invencivel assim!» A desgraça é que estes laços pesados e apertados impedem a vida de circular nas arterias. Com este regimen, dentro de vinte annos a França não será mais que um esqueleto. Os dominantes do momento, esquecendo as lições do passado, imaginam ainda que, para assegurar a paz, é preciso fazer a guerra: e, a frio, aggravam com oito biliões o orçamento esmagador sob o qual a França succumbe.

Mas ha melhor. Mesmo acceitando a sua mentalidade, o serviço de 18 mezes constitue um disparate tão perigoso como o da nefasta lei dos tres annos. Profissionaes, como os generaes Verraux, Sarrail e Percin demonstraram que [illegible] to mezes, seis mezes até, seriam largamente sufficientes para organizar as nossas forças militares.

Pergunta-se assim a que inuteis trabalhos vai ser condemnada a nossa mocidade. A recente guerra marcou a fallencia total de todos os exercicios de caserna: manejo de armas, paradas, marchas militares, exercicios em filas separadas, e mesmo tiro collectivo ou individual. Tres semanas chegam para apprender a arte de lançar granadas e a eternidade seria insufficiente para habituar um homem a respirar gazes asphixiantes. Nesse caso, que farão os nossos mancebos? Plantões, sentinellas, ordenanças! Occupações para as quaes chegariam civis.

Quem nos diz, de resto, que a proxima guerra se fará com granadas e gazes asphixiantes? Se tivesse de haver uma nova guerra, estou em que os estudantes allemães, que vão consagrar-se nos seus trabalhos nos laboratorios de physica e da chimica, preparal-a-iam mais utilmente que os nossos infelizes filhos, a girar nas paradas dos quarteis.

Nestes ultimos dias annunciava a imprensa que um chimico americano acabava de descobrir um liquido, algumas gottas do qual bastavam para produzir a morte das pessoas que o recebessem. Figura-se facilmente que uma centena de aviões voando sobre as grandes cidades e aspergindo-as com esse liquido não demorariam muito a dizimar-lhes as populações.

Parece, pois, que numa proxima guerra os exercitos propriamente ditos só representariam um papel secundario. Era toda a população dos paizes belligerantes que se encontraria exposta á morte. Mulheres, velhos e crianças succumbiriam aos milhares neste cataclismo. Uma tal catastrophe, na qual a civilização sossobraria, seria espantosa a um ponto que a imaginação é incapaz de conceber.

Quando o sr. Poincaré escrevia ultimamente: «O desarmamento da Allemanha é a condição primordial para uma paz duradoura» só expunha metade da verdade. A verdade total é que o desarmamento do povo allemão deve ter por corolario o desarmamento de todos os povos. Só assim teremos não uma «paz duradoura» mas a paz eterna — a unica que nos interessa.

Mas vão lá fazer comprehender estas verdades aos embrutecidos do Bloco Nacional!

ARMAND CHARPENTIER

A Italia em convulsão social

E' a Italia um paiz que actualmente se encontra em plena convulsão social, promettendo-nos as mais bellas esperanças.

O heroico proletariado daquella peninsula, que se mantinha em espectativa, despertou para a vida do nosso tempo, para a acção revolucionaria, agindo valorosamente contra a desenfreada e condemnavel prepotencia do despotismo das castas parasitarias e capitalistas.

E para testemunho do que por lá se faz em favor do ideal communista, ahi vemos os telegrammas ultimamente chegados, que, a despeito da censura, e da velhacaria inominavel das agencias telegraphicas, ainda nos dão bem a conhecer os actos revolucionarios ultimamente realizados pelo povo daquelle paiz.

Giolitti, a velha raposa que actualmente governa a Italia, ordenou o fechamento da camara dos deputados, para ver se extermina e abafa de uma vez a revolta dos famintos que exigem bem-estar e liberdade.

Baldada foi, porém, essa resolução, porque a maioria dos operarios conscientes já não segue a orientação da camara dos deputados, que, dirigida pelos so[illegible] deixa de ser uma perigosa arapuca.

Os taes homens da legalidade, que se dizem socialistas e defensores do proletariado, não são senão e muito simplesmente traidores.

Para se vêr bem o que elles são, basta lembrarmo-nos de que foram elles, com a sua traição, que fizeram fracassar o movimento passado, quando as fabricas já estavam occupadas pelos operarios. Foi por motivo da traição e da astucia dos socialistas que os patrões conseguiram fazer com que os trabalhadores desoccupassem as fabricas que já estavam em seu poder.

Mas, desta vez, creio que tal não succederá e os trabalhadores jamais se illudirão com as falazes promessas desses traidores, e seguirão os dictames da propria consciencia, lutando em defesa do bem-estar, da liberdade e da justiça.

H. G.

Festival da União dos Alfaiates

O syndicato da classe dos alfaiates realiza hoje, á noite, no Salão Lyra, no largo Paysandú, 26, um festival em beneficio de seus cofres.

O programma constará da representação do drama em 1 acto "Il diritto di Bianca" e da comedia tambem em um acto "Al cuor non si comanda".

A festa terá inicio com o "Hymno 1.o de maio", tocado pela orchestra, seguindo-se uma conferencia sobre a data.

O programma será encerrado com um baile.

Mais uma infamia!

Hontem de madrugada, ao sahirem de uma assembleia realizada na U. Construcção Civil, á rua Florencio de Abreu, 45, foram presos arbitrariamente por esbirros da policia, os seguintes companheiros: Edgard Leuenroth, Rodolpho Felipe, Maximiano, Fagundes, Aranda, Arsenio, Iglesias, João Perez e outros cujos nomes não sabemos ainda.

O motivo destas prisões é impedir que os trabalhadores realizem o annunciado comicio no largo da Sé.

E assim, mais uma vez, o sr. Bandeira de Mello commette uma infamia.

A proposito das infamias da policia de Santos

Carta aberta ao dr. Heitor de Moraes

Amigo e senhor.

Quando, por ordem de um representante da Republica brasileira, testemunhei os factos mais barbaros que na minha vida nunca havia sonhado; quando, para burlar a acção judicial, esse mesmo funccionario mandou forrar todas as grades do um xadrez que devia guardar na mais rigorosa incommunicabilidade o autor destas mal traçadas, mas sinceras linhas; quando, ás 2 horas da madrugada do dia 29 de janeiro, fui obrigado a disfarçar-me com um uniforme de soldado, para que não fosse reconhecido ao atravessar as ruas da cidade e dar entrada no posto de Villa Mathias — nestes momentos especiaes da minha vida, pensava em como ás vezes um homem de bons sentimentos pode ser levado a defender um regimen que permitte a pratica de tantas barbaridades, quando estas são abafadas dentro de quatro paredes.

E' nestes momentos que o nosso raciocinio passa em revista todas as doutrinas sociaes, procurando apoiar aquelas que se nos apresentam sobre principios solidos de justiça.

Por uma associação de ideias, muito natural no caso, lembrava-me que V. deixaria de ser republicano e abraçaria outras doutrinas logo que tivesse a convicção de que o mal não está nos homens, mas sim nas instituições.

Reconheço que é muita ousadia da minha parte, mas espero que muitos republicanos não deixem de concordar com o meu raciocinio. De modo algum podemos dar ao dr. Ibrahim Nobre toda a responsabilidade do crime que mandou praticar. Se não fosse como é este regimen, não comportasse taes injustiças, esse delegado não estaria passeando na Allemanha, mas numa casa de saúde; não depois de praticar tantos e tantos delictos, não depois de fazer derramar tantas lagrimas e perturbar tantas felicidades, mas sim desde o primeiro dia em que a sua phobia anti-proletaria se revelou, perturbando-lhe as faculdades mentaes.

Daqui não ha que fugir. Se um homem pratica actos criminosos e em vez de ser punido é premiado, a responsabilidade dos seus crimes passa a ser mais directamente de quem os premiou. E' o caso em questão.

Confesso que nestes momentos senti uma profunda satisfação por haver abraçado doutrinas que por sua indole não podiam nunca estar em tão flagrantes contradicções. Calcule-se o soffrimento moral dos republicanos da propaganda (historicos) ao verem assim o regimen tanto tempo sonhado e com sacrificio e abnegação alcançado, para que um delegado de policia qualquer venha anullar todas as conquistas provenientes do regimen republicano. Longe estava Tiradentes de pensar que a Republica Brasileira viesse a ser um regimen de dictadura policial permanente. No entanto, é o que constatamos.

Se ainda eu não tivesse abraçado as doutrinas anarchistas, quero dizer, se ainda confiasse na possibilidade de haver governantes bons e governantes maus e tambem confiasse em que pode existir quem, investido de autoridade, não abusasse da mesma a favor da Companhia Docas, rodeado de todo o apoio governamental e tendo á sua disposição todo o poder policial do Estado, seria argumento bastante poderoso para que em nome dos meus sentimentos de justiça adherisse a uma outra forma social de mais equidade e harmonia entre os homens.

Uma convicção inabalavel tenho de que muitos hão de raciocinar como eu e serão outros tantos adeptos conquistados e que hão de implantar um regimen novo onde não haverá lugar para tantas miserias e onde um doente como o Ibrahim terá acolhimento, não no xadrez n. 3, mas numa casa de saude.

Não sei se V. havia pensado alguma coisa a este respeito, nem tampouco qual foi o resultado do seu raciocinio, porém, como estou convencido de que as suas crenças politicas são de um bem intencionado, lembrei-me de vos dedicar esta carta-aberta, na esperança de que servirá ao menos para dizer ao publico o que pensa um anarchista das violencias policiaes.

Com estima e consideração,

MANUEL CAMPOS.

A propaganda anarchista

De todas as falhas e falta de estrategia que nos interrompem na propaganda, além dos innumeros obstaculos que se nos antepõem, ha uma, que deve, a meu ver, ser corrigida: a systematização da propria propaganda.

E' de admirar que um ideal combatido pelos capitalistas de todo o mundo, e sustentado com vantagem pelos maiores sociologos de toda a parte, ainda não corresponda na sua propaganda á grandeza immensuravel da indestrutivel verdade que encerra!

Em todas as nações, têm-se feito jornaes, revistas e folhetos, assim como palestras, conferencias e manifestos, que pelos esforços dispendidos deviam ter attingido vinte vezes mais o numero de adeptos a que attingiu, mas vemos que apesar de tudo isso são muitos os que se conservam ignorantes da questão social e sobretudo da Anarchia!

Demonstrar como, além do que se tem feito, pode-se fazer muito mais ainda, é o objectivo destas linhas.

A propria burguezia fornece com vantagem um elemento util á nossa propaganda: o dinheiro em papel.

Em cada nota, desde a de mil reis, pode-se deixar escripto com tinta vermelha ou qualquer outra, um pensamento anarchista.

Outra forma de propaganda efficaz é fugir de falar em "Anarchia", mas dizer em pequenos prospectos tudo que sirva ao ideal e pol-os debaixo das portas, em todas as ruas e todos os lugares: nos circos de cavallinhos, nos cinemas, theatros, campos de futebol, etc.

Nos exercicios militares, fazer de antemão pequenos prospectos e abandonal-os dispersamente pelos campos ou ruas onde passem as tropas, afim de que os soldados possam reconhecer a exploração de que são victimas.

A propaganda do anarchismo pela palavra, em praça publica, está vedada em todos os paizes; portanto, redobremos de actividade pela escripta, e esta que seja bem clara, escoimados todos os erros de imprensa que prejudiquem a leitura e a boa comprehensão dos leitores.

Alguns anarchistas, como Carlos Diaz, são partidarios do syndicalismo como meio de activar a revolução, eu acho abstracta essa propaganda e julgo que não dá mais os resultados praticos que se esperavam. Hoje quanto mais se modificar o systema propagativo, melhor será a semente para o triumpho revolucionario.

Isto, já se vê que não se estende a todos os lugares; ha alguns ainda em que o syndicalismo pode produzir os seus fructos, mas não, a meu vêr, nas grandes capitaes, onde muitas classes operarias organizadas se reduzem a um terço do numero que as compõe.

Pôr-se em greve um terço de determinada classe, é dar ensejo aos perversos instinctos dos fracos e retardatarios para mais facilmente substituirem os grevistas.

E' ainda jogarmos os melhores trumphos, para ficarmos á mercê das biscas e das cartas brancas.

srest mprt .cuh ra pa os á ffice

A meu ver, esse systema pode ser substituido pelas greves parciaes, que são sempre mais uteis; mas evitemos essa mistura de anarchismo com syndicalismo; cada um no seu lugar, pois o ideal não se confunde com mesquinhas ambições de um mil reis. Por que havemos de mistural-o?

Dexemos que as classes se esqueçam das greves e em breve teremos a revolução pelo excesso de miseria!...

Eu não tenho pena dos operarios, porque amo a Humanidade e pouco se me dá vêr operarios soffrendo miseria — o que me revolta é que todos os homens sejam victimas (ricos e pobres) da sociedade actual — isso de sentimentalismo só serve para romances amorosos, rethoricos e elogios funebres.

ADALBERTO VIANNA

1.o DE MAIO

Maio, Mez da Esperança. As alvoradas
São laminas azues, ensanguentadas,
De immensas guilhotinas.

A terra canta. O céu se arqueia. Tudo
E' forte, luminoso, ardente, agudo,
Nos céos e nas campinas.

Maio do Amor, do Odio e da Vingança,
Maio de Redempção e da Esperança,
Tudo germina e cria;

Que o teu seio materno, docemente
Fecunde e frutifique esta semente
De brasas: a Anarchia!

CELSO MENDES

CORREIO PLEBEU

RIO — M. Z.: Recebemos a sua e o registrado. Foi engano na contagem. As importancias figuram como Amigos d'"A Plebe" do Rio. Saudações.

PELOTAS — P. A.: Segue carta. Recebida a importancia que mandou. Procuraremos fazer o possivel para não os deixar sem o jornal.

BOTUCATU — M. dos S.: Recebemos a lista e o cobre. E' não desanimar, pois que a propaganda exige animo e força de vontade. Ao contrario nada se fará.

PALMEIRA — A. A.: Recebemos o arame e o recado.

RIO — Agencia Lux: Tornei a vos escrever, mas ainda desta vez não tive resposta. Talvez as cartas vão, para a Sapucaia, uma vez ahi chegadas. — R. P.

CATANDUVA — M. B.: O camarada fará o favor de responder á nossa carta, pois que é necessario dar solução ao caso dos 60$000 per v. remettidos em dezembro ultimo.

PETROPOLIS — Democrito: Recebes o jornal? Esperamos que tenhas melhorado e que nos mandes alguma coisa.

Munições para "A Plebe"

LISTA N. 73 — Fabrica Santa Catharina — C. R., 2$; L. P., 1$; L. D., 2$; J. V., $500; R. C., $500; A. L., 1$; J. V., C. M., 1$. — Total, 8$500.

LISTA N. 5 — Ceramistas de Agua Branca — J. S., L. C., J. D., 2$ cada um; H. B., J. P., M. P., O. S., C. P., A. S., F. B., S. S., J. A., R. Z., A. L., E. G., G. P., L. S., A. S., A. S., B. B., R. V., G. M., 1$ cada um; J. B., $600; C., $500. — Total, 25$100.

LISTA N. 6 — Ceramistas de Agua Braca — P. P., V. P., J. S., M. C., G. C., A. S., J. C., L. C., N. C., U. B., J. P., A. L., P. R., P. S., M. Z., M. V., G. G., F. E., F. F., J. B., A. F., R. L., C. S., O. C., J. G., L. S., G. S., G. T., M. C., N., R. Z., 1$ cada um; Domingos F., 5$; J. R., 2$. — Total, 38$000.

LISTA N. 7 — Botucatu — A cargo do camarada M. dos Santos — M. dos S., 6$; R. D., D. M., F. B., J. B., M. A., J. B., 2$ cada; A. M., A. L., 1$ cada. — Total, 25$000.

SUB. DE PALMEIRA — Paraná — A. A., 10$; V. A., 3$; A. A., 5$; C. C., 5$. — Total, 23$000.

1.o DE MAIO

CAMARADAS:

No livro da historia, mais uma vez, abre-se neste dia a pagina rememoradora de um dos factos mais transcendentaes que a evolução dos povos regista, em sua marcha vertiginosa e ascendente, no terreno das reivindicações do proletariado internacional.

Nesta memoravel data, em 1886, na «livre» America do Norte, consumou-se um dos atentados mais nefandos que a luta de classes enumera no seu passado, repleto de sacrificios e de martirologios.

Nessa epoca, em Chicago, havendo-se declarado um movimento paredista no qual se degladiavam as forças cohesas e alentadoras do proletariado unido, de um lado e, do outro, a força bruta e tyranica da burguezia capitalista «yankee», contando esta com o beneplacito dos autocratas do Estado, eis que, para oporem uma barreira á onda plebeia que, num amplexo unisono, de triumpho em triumpho caminhava com fé inabalavel pelo roteiro que a conduzia á victoria final de uma causa, que era a causa da justiça e da razão, eis que, praticando o monstruoso atentado de Haymarcket, onde foram chacinados pela dynamite varios pretovianos da «ordem burgueza», esses mesmos esteios da «ordem» pretenderam tão somente, praticando esse delito contra os seus lacaios, envolverem no mesmo alguns abnegados camaradas que com denodada coragem orientavam as massas productoras em luta franca e decidida contra o Moloch capitalista, fazendo resaltar a responsabilidade dos mesmos na negreganda obra que vinha de consumar-se e que, elles, somente elles, os representantes do poderio estatal, eram os unicos culpados. Provada que foi a responsabilidade daquelles nossos camaradas num processo infame, donde todas as baixezas de que são capazes esses monstros inimigos da verdade e da justiça foram forjados para poderem agir contra as innocentes victimas do rancôr dos despotas, a obra que havia de dar ganho de causa aos potentados, consumou-se, emfim, e eis que, aquelle pugilo de antenas proletarios foi executado, dando suas vidas de martyres abnegados em holocausto ás conquistas reivindicadoras que hão de, em dia não longinquo, redimir a familia productora universal do jugo despotico da casta vil que nos domina. Esse feito que após varias decadas ainda empolga e ha de para sempre empolgar os homens de conciencia emancipado, gravou indelevel, na convulsa sociedade onde vivemos a vida dos parias, a mancha eterna que apontará aos posteros todo um imperio de tyrannias, de crimes e de despotismos, consumados á sombra da lei, da democracia e da ordem dentro do regimen actual.

Lingg, Parson, Spiess, etc., cujas testas cingiram a corôa do martyrologio, em Chicago, apontaram á humanidade com o seu sacrificio o verdadeiro caminho da redempção humana. A luta na qual sucumbiram como titães, arrastando o vendaval das furias das classes opressoras, segue seu curso; essa mesma luta, depois, tem custado centenares de novas victimas.

A intermina lista dos que perecem diariamente pela conquista de uma sociedade nova engloba na sua corpórea argamassa todo um feito epico, que vibra, com mais vigor e com maiores triumphos, nas conciencias dos verdadeiros adeptos das ideias acratas! Comemorando-se este dia, não damos expansões a um sentimento religioso e hipocrita; rendemos um preito de homenagem áquelles nossos irmãos que com seu martyrio souberam elevar bem alto o nome impoluto e grande do Ideal Anarquico!

Viva a memoria dos martyres de Chicago!

A tradiccional manifestação de hoje

Pode ter algum valor pratico, ainda hoje, a tradiccional manifestação do 1.o de maio? Eis a pergunta que é justo formular no dia de hoje e á qual eu respondo claramente: não.

Porquê? Demonstral-o-ei abreabre- êstra P ro quil -o -cID vidamente e o mais claro possivel.

Primeiro que tudo: o que foi o 1.o de maio? E' longa a sua historia, mas amples o seu motivo: a conquista do dia de 8 horas. Nasceu entre os trabalhadores da America do Norte que, no congresso geral de Baltimore, realizado em agosto de 1886, resolveram firmemente a reducção do dia de trabalho de 8 horas. Dessa data em diante não parou a propaganda e a agitação na America do Norte em favor da ideia principal do congresso de Baltimore, sendo sobretodo notavel a este respeito o periodo de 1873 a 1876. Mas, parece, as coisas caminhavam sem resultado apreciavel até que o congresso de Chicago, reunido em outubro de 1884, lançou a ideia do 1.o de maio que veio a ter a sua realização pratica em 1886. Fez-se a greve e se della houve o resultado desejado não sei. O que é facto é que houve tumultos em varias cidades da America do Norte e um desses, o de Chicago, tornou-se universalmente conhecido para que eu me demore na sua descripção. Os ecos desta luta chegaram á Europa e omo era natural exerceram a sua infuencia para que o 1.o de maio se tornasse universalmente adoptado pelos trabalhadores. Portanto, o caracter desta manifestação, era economico e perfeitamente revolucionario; ella tinha como duplo fim "apresentar a Internacional reconstituida em face do mundo burguez; reconstituida pelo sentimento, pela acção, pelo raciocinio; e dar aos partidos operarios uma occasião de agitação e proselytismo, de modo a lançar no espirito do trabalhador a consciencia do seu eu, a noção da sua propria força."

Mas este duplo fim que acima transcrevo tem sido deturpado pelos socialistas de Estado, pelos legalistas que converteram uma manifestação de luta em uma "Festa do Trabalho" como o attestam primeiro que tudo o congresso socialista internacional de Paris em julho de 1889 e, dahi em diante o caracter tão ridiculo que essas manifestações passaram a ter.

Mas porque não tem hoje valor real o 1.o de maio, como disse no principio?

E' logico concluir da breve historia que acima faço que a manifestação não tem já o caracter verdadeiro com que se iniciou, porque a mascarar-lhe o verdadeiro alcance appareceu a "linda" Festa do Trabalho que serviu e serve ainda hoje para cortejos festivos, folganças ruidosas com musica, passeios ás hortas, romarias e cemiterios, entrega de representações e, oh! 1.o de maio! até missas em acção de graças pelo descanso que havia de vir.

Mas ainda que isso se não tivesse dado e fosse portanto sufficiente para a nullidade do 1.o de maio, havia, a meu ver, a inconsequencia de se fixar annualmente uma data para um movimento adverso á burguezia e que a habilitava a preparar-se como louca com todos os seus meios de defeza quando se aproximava o 1.o de maio. Isso aconteceu e aconteceria se lhe quizessem dar o seu verdadeiro caracter.

O que é, portanto, o 1.o de maio? Um facto historico, uma data que passou, que se lembra como a da Communa por exemplo, mas que se não pensa em repetir todos os annos. Hoje o 1.o de maio não é do primeiro de maio. E' de todos os dias, de todas as horas. Encontra-se a sua necessidade em todos os momentos e realiza-se sem ser esperado. E não se receie que elle venha a estagnar-se no "santo regabofe" de um periodosinho pacifico, com as suas não menos pacificas procissões; não, isso tende cada vez mais a extinguir-se, mercê da consciencia revolucionaria que a maioria do operariado vai adquirindo. E ainda bem.

Eis os motivos porque não tem hoje já valor o tradicional 1.o de maio, porque considero inuteis e até certo ponto prejudiciaes quaesquer esforços para o restaurar.

AFFONSO MANAÇAS

Os anciãos

— Sou poderoso, accumulei em minhas arcas immensos thesouros; estudei profundamente a maneira de augmentar a minha fortuna: primeiro á luz do azeite, depois á luz do gaz, depois á luz brilhante da lampada electrica, velei fazendo calculos e mais calculos e contando na soledade da noite as minhas moedas de ouro. O meu dinheiro, indo e vindo, tem percorrido o mundo e voltado com lucros aos meus cofres.

Sou velho, mas posso esperar a morte tranquillo e descançado. Vivo coberto de honras: sou senador, magistrado, ministro.

Bemdito seja Deus, que assim premiou os meus esforços!

Afasta-te, mendigo, e deixa-me passar.

* * *

— Pelejei em batalhas e reguei com sangue o mundo. O ruido de minhas armas encheu de pavor os povos. Passei a espada milhares de inimigos e tapei o sol com o fumo de meus canhões.

Sou velho, mas posso esperar a morte tranquillo.

A patria, agradecida, me encheu de cruzes e de riquezas: sou general, rei, imperador.

Bemdito seja Deus, que assim premiou os meus esforços!

Afasta-te, mendigo, e deixa-me passar.

* * *

— Decifrei os textos sagrados e dediquei ao Senhor, a todas as horas, officios e orações. Minha casa é a de Deus. Elevo os meus cantos ao som solemne do orgão sonoro, entre imagens primorosamente esculpidas e ricamente vestidas, e minha voz resôa sob as altas abobadas das immensas cathedraes.

Sou velho, mas posso esperar a morte tranquillo. Os crentes, agradecidos pelas minhas rezas, me offereceram casulas coalhadas de brilhantes, calices de ouro, palacios de marmore, thesouros sem fim. Vivo rodeado de honras: sou bispo, cardeal, papa.

Bemdito seja Deus, que assim premiou os meus esforços.

Afasta-te, mendigo, e deixa-me passar.

* * *

— Desci á profundidade da terra para buscar os thesouros que tu, com os teus calculos, atrahiste para os teus cofres; com a prensa mó expremi as oliveiras do horto, para tirarlhes o azeite que fez luzirem os teus candieiros, e extrahi da mina o carvão de que se fez o gaz; com o carvão se aqueceu a agua que soprou de vapor as caldeiras das machinas que arrastam os trens e governam os helices dos barcos, tornando possiveis as tuas extensas relações e o teu largo dominio; perfurei montanhas e aplainei montes; construi pontes e portos; roubei ás cachoeiras a sua força e accumulei nos dynamos a electricidade brilhante e poderosa; fundi o bronze dos canhões e temperei o aço das espadas que te deram a victoria; fabriquei os arnezes dos teus cavallos; nú, arranquei de immensos areaes os diamantes que adornam o teu calice; do seio do mar extrahi as perolas e os corales de tuas vestimentas; cortei com o meu machado as arvores de cuja madeira o artifice talhou as tuas imagens; arranquei das pedreiras a pedra com que se formou as tuas cathedraes e levei nos meus rombros o ultimo adorno collocado nas pontas das agulhas dos teus templos gothicos. Fui mineiro, lavrador, foguista, lenhador, jornaleiro. Sem mim, que seria de tuas ousadias? O freio do teu cercel, a ferradura com a qual elle poude vencer longas jornadas, a espora com que o espicaçaste, tudo foi feito por mim. Sem mim, os teus santos de pau dormiriam no recesso dos bosques, os arcos de tuas cathedraes no coração das montanhas, teus calices de ouro nas entranhas da terra; até os teus livros sagrados não existiriam sem mim, hontem por falta da cêra em que os esculpir, hoje por falta de papel em que os estampar. Eu vos dei tudo e nada tenho.

Sou velho e não posso trabalhar; por isso sou mendigo. Terá sepultura o meu cadaver?

Nada devo ao vosso Deus, pois que assim premiou os meus esforços.

Afastae-vos, poderosos, e deixae passar o mendigo.

PI Y ARSUAGA.

Comité pró-saude de Florentino de Carvalho

Os componentes deste comité avisam a todos os companheiros daqui e do interior que devem remetter importancias destinadas ao tratamento do camarada Florentino de Carvalho, que o façam para o seguinte endereço: João Peres, rua Nova S. José, 95, S. Paulo.

Como o comité está tratando de preparar o seu balancete, pede a todos os camaradas que tenham remettido dinheiro para o fim já citado, que escrevam ao endereço acima, com a maxima urgencia, informando sobre as quantias mandadas e a quem foram confiadas, afim de ser feita a necessaria conferencia.

PRÒ "A PLEBE"

Grande festival de propaganda

Hoje 30 do corrente mez de abril, ás 20 horas, no Salão do Centro Republicano Portuguez, á rua Marechal Deodoro, n. 2

PROGRAMMA

1.a parte — A Internacional, pela orchestra.

2.a parte — Representação, pela primeira vez em S. Paulo, do drama social, em 3 actos, em italiano, de Giovanni Casadei — ALBA.

3.a parte — Conferencia sobre o problema social.

4.a parte — Kermesse e baile familiar.

Aos companheiros de Santos

O camarada Francisco D'Onofrio, da Construcção Civil avisa aos companheiros de Santos que seguiu para essa cidade o individuo de nome Fonda Pietro (Triestino), cujo procedimento em S. Paulo não corresponde a attitude de um operario consciente.

Chegando a esta capital em condições de miseria, foi acolhido com fraternal solidariedade, da qual abusou, partindo sem nem siquer entender-se com quem tinha compromissos a scrver.